

## **A televisão e recursos tecnológicos: possíveis contribuições no âmbito escolar**

Liliana Friesen  
*Professora de Ensino Médio*  
*Quedas do Iguaçu - PR*

**Resumo:** O presente artigo discute as mudanças e os avanços do campo tecnológico na sociedade e no sistema educacional, tendo por objetivo analisar as influências e a atuação da prática educativa diante desse novo cenário, assim como a possível contribuição das mídias, em especial a televisão e do acesso mais fácil às informações para o campo educacional. O estudo baseou-se em pesquisas bibliográficas, bem como por meio de coleta de dados feita através de questionários. Depois da contraposição dos dados, pode-se observar que os recursos midiáticos podem ser ferramentas importantes para a educação, desde que utilizadas corretamente pelos educadores.

**Palavras-chave:** Tecnologia. Mídia. Educação. Televisão.

**Abstract:** This article deals with the changes and advances on technology in the society and educational system. The aim of this study is to analyze the influence and action of education on this new environment, and also possible contributions of medias, especially the television, and the easiest access of education to information. The research was based on written information concerned the theme and data collection through questionnaires. After analyzing the data, it was possible to see that media resources can be important tools for education, since they are correctly used by educators.

**Key words:** Technology. Media. Education. Television.

### **1. Introdução**

Através da mídia e seus recursos audiovisuais, as informações são mostradas de forma fantasiosa e fragmentadas, sendo que as pessoas não estão aptas a discernir criticamente o que é real e o que é fictício nos fatos apresentados, prendendo-as a uma fantasia envolvente e alienante.

Os meios de comunicação de massa, especialmente a TV, atingem rapidamente muitas pessoas de diferentes classes sociais e culturais em diversos locais. Essa cultura de massa tem então, dentre outras, uma dimensão política e outra social, já que é verdadeiro que tem a capacidade de transmitir valores, normas de comportamento e atitudes, utilizando-se de linguagens audiovisuais produzidas com alta tecnologia. Assim, é necessário questionar: como as pessoas estão recebendo e lendo essas mensagens? Este trabalho tem como principal objetivo compreender a influência dos meios de

comunicação de massa, em particular a televisão, bem como as possibilidades de desenvolvimento, especialmente no âmbito escolar, de competências necessárias para a interpretação das linguagens audiovisuais veiculadas por estes meios, identificando as características da comunicação desenvolvida pela televisão e outros meios, reconhecendo a influência desses veículos sobre os cidadãos e jovens, desvendando códigos e possíveis características manipuladoras da mídia, não apenas acusando-a, mas também analisando as contribuições desses meios, em especial a televisão, para a formação do ser humano e para o trabalho pedagógico escolar, buscando alternativas para a sua melhor utilização destes pelo professor em sala de aula como recurso didático.

A sociedade pós-moderna, com o advento da cibernética, da revolução da informática e da política de globalização sofreu significativas mudanças, especialmente nas áreas de comunicação e informação. A máquina passa a intermediar, cada vez mais, o homem e o mundo. Em função de toda essa abrangência, sofrem e exercem influências políticas e sociais na população.

O mundo contemporâneo faz com que todas as pessoas estejam imersas em imagens, e isso exige delas novas competências para receber, utilizar e compreender o texto audiovisual utilizado pelas mídias. Como educadores, não podemos deixar de considerar a presença desses meios de comunicação no cotidiano dos estudantes. A escola, como espaço educativo, democrático e formador de consciência de cidadania, pode ajudar a desenvolver, nos alunos, habilidades para ler o texto audiovisual a que está exposto, dando-lhe oportunidade de usufruir criticamente todo o espaço que tem para aprender. Essas razões certamente dão relevância ao estudo proposto.

## **2. Linguagem e comunicação**

A linguagem está na origem de toda a atividade comunicativa do ser humano, pois ela, através da língua, proporciona a capacidade de comunicação entre as pessoas. É através da comunicação que o ser humano se sociabiliza, relaciona-se, interage, transforma. O ponto de partida para o exercício da expressão é a linguagem falada que será, depois, por meio de ensino, geralmente na escola, sistematizada e transferida para a forma escrita. A criança, na escola, constrói esse conhecimento através da interação com o grupo e com os mais variados tipos de textos, verbais e escritos, e também não-verbais. Nesse processo, ela percebe as relações entre fala e escrita: que podem escrever o que falam e ler o que está escrito, ampliando assim, suas possibilidades de expressão e compreensão do mundo, tornando-se aptos a exercerem cidadania e, através dos atos de ler e escrever, cumprirem funções sociais.

A linguagem acompanha os seres humanos desde os primórdios, sendo que, aliada ao trabalho, é o que diferencia os homens dos outros animais. É uma necessidade básica do ser humano, do homem social. A partir do conceito de Brito (2003), linguagem é todo sistema de sinais convencionais que permite realizar atos de comunicação. Os seres humanos utilizam-se dela para se

relacionarem, para agirem sobre o mundo, tornando-se sujeitos dele. É muito grande e importante, então, o poder da linguagem e, por isso, a necessidade de sua correta utilização, sempre dependente dos indivíduos que a utilizam, de sua capacidade e de seu preparo.

A indústria moderna emprega sofisticados recursos tecnológicos para gerar comunicação, mas esta existe desde os primeiros homens na terra. A comunicação é um processo histórico e cultural. As técnicas para o seu desenvolvimento mudam, mas o sentido e o conteúdo sempre foram os mesmos. Na sociedade moderna, o que se observa são meios comunicativos de sofisticados recursos tecnológicos, mas, basicamente, com o mesmo propósito de emitir, através de um emissor, uma mensagem para um receptor.

Hoje em dia, mais do que nunca, estamos expostos à linguagem muito antes da palavra ou da escrita, seja através da família ou, cada vez mais, da mídia. O ser humano, para garantir sua participação ativa na vida social neste mundo contemporâneo, tão recheado de informações elaboradas das mais diferentes formas, utilizando diversos códigos e símbolos, necessita desenvolver a habilidade de reflexão sobre a linguagem, seus códigos e processos comunicativos.

Bordenave (1997), faz alguns apontamentos sobre a comunicação, nos quais aponta vários estudos mostrando que existem diferenças entre a linguagem empregada pelas classes sociais mais elevadas e pelas classes subalternas. Estas, comunicam-se baseadas apenas em um ponto de vista, sua mensagem tem segmentos desconexos, não falam em categorias, mas no geral. Além disso, classes populares são menos sensíveis à informação abstrata e o uso do tempo é descontínuo, efêmero. Ora, numa sociedade competitiva, é óbvia, então, a necessidade de aprimoramento da linguagem e formas de comunicação por todos, pois, se não for assim, novamente há o reforço da estratificação de classes, já que a pobreza linguística dificulta a compreensão. O mesmo autor resume os elementos básicos da comunicação em:

- a realidade ou situação em que ela se realiza;
- seus interlocutores;
- os conteúdos e mensagens que compartilham;
- os signos que utilizam;
- os meios que empregam para transmiti-los.

A natureza munuiu o homem de capacidade para a comunicação: podemos criar signos, recebê-los e interpretá-los. E, segundo o mesmo autor, ela é um processo de muitas facetas que ocorre em vários níveis: consciente, subconsciente e inconsciente, quase como parte orgânica do processo de vida.

## 2.1 Linguagens audiovisuais: televisão

A linguagem, desde sempre, vem sofrendo mudanças, evoluindo e assim, também, os meios de comunicação. As facilidades tecnológicas de produzir visuais, o domínio das ondas eletromagnéticas pelo homem, de certa forma, reduziu o tamanho do mundo e, aliados à competitividade própria do capitalismo, fizeram surgir uma aldeia global. Agora, mais do que nunca, somente a leitura do texto verbal não é mais suficiente para formar um cidadão ativo, participativo na sociedade. Se para a leitura do texto escrito, verbal, já se necessita de um desenvolvimento de habilidades para a correspondente interpretação, o mesmo acontece com a linguagem visual, mais especificamente audiovisual.

A indústria cultural produz o significado de suas características através de signos, os quais diferem em espécie. Para Coelho (2003), “[...] cada signo tende a provocar um certo tipo de relacionamento entre ele mesmo e a pessoa que o recebe, nesta provocando também um tipo particular de interpretante ou significado.” Dessa forma, o que se torna fundamental é identificar que tipo de símbolos a indústria cultural utiliza em sua linguagem. Antes, é claro, é preciso conceituar estes diferentes símbolos. Coelho (2003), define, de forma geral, 3 tipos de símbolos: o icônico (uma foto por exemplo); o simbólico (palavra) e o indicial, que representa seu objeto sem remeter-se diretamente a ele: não mostra o ícone a que se refere, mas sem ele não poderia existir. Para esclarecer o autor cita exemplos como: nuvens escuras indicam chuva iminente, poças de água podem sugerir chuva recente. Mas estes signos não poderiam existir ou serem interpretados sem o conhecimento do ícone, neste caso, a chuva.

Ao contrário do ícone, que mantém seu significado mesmo distanciado do objeto representado, ou ainda que este objeto não exista mais (a foto de uma pessoa distante ou morta), o índice é um signo efêmero, de vida curta ou que, pelo menos, depende em tudo da duração da vida de seu objeto. O índice não tem autonomia de existência. E ainda em comparação com o ícone: conhecer o ícone é em certa medida – conhecer o objeto representado. Mas o conhecimento do índice não possibilita o conhecimento do objeto significado, a não ser sob aspectos muito restritos. (COELHO, 2003, p. 55)

Muitas vezes um ícone pode ser um índice e vice-versa: ao ver um signo icônico, a consciência pessoal opera com o sentir, não se interessando pela análise deste. É intuição, sensações. Já o signo indicial, exige uma consciência de constatação, sem revelar, a quem as utiliza, nenhuma nova descoberta, apenas constatar o que já foi, de certo modo, mostrado. Assim, a questão da indústria cultural não se limita somente a analisar o que ela diz, ou o momento histórico em que opera, mas alcança a maneira como ela diz. Coelho afirma que a indústria cultural é o paraíso do signo indicial, da consciência indicial.

Toda a indústria cultural vem operando com signos indiciais, e, assim, provocando a formação e o desenvolvimento de consciências indiciais. Isto é: tudo, signos e consciências e objetos, é efêmero, rápido, transitório; não há tempo para a intuição e o sentimento das coisas, nem para o exame lógico delas: a tônica consiste apenas em mostrar, indicar, constatar. Não há revelação, apenas constatação, e ainda assim uma constatação superficial – o que funciona como mola para a alienação. (COELHO, 2003, p. 62)

Portanto, não basta apenas dizer que a indústria cultural, a mídia, baseia-se na linguagem icônica. Esta seria uma explicação muito simplificada da utilização dos signos em sua linguagem. Os veículos da indústria cultural estão realmente cheios de ícones, mas ícones superficiais, dispostos de maneira indicial. O receptor então recebe mensagens fragmentadas, rápidas, com imagens desconectadas, multiplicando-se a todo instante, no intuito de impedir que tenha uma visão totalitária de si e de seu mundo, tornando-o, portanto, alienado. As informações não revelam o que está por trás, mas conseguem bem ocultar o que representam.

A força da linguagem audiovisual está em conseguir dizer muito mais do que nós captamos, chegando simultaneamente ao nosso inconsciente, utilizando-se não somente de lógica convencional, mas conectiva, de imagens, palavras e sons, agrupados de maneira muito menos rígida por seus produtores. Os meios que utilizam recursos audiovisuais, fazem principalmente por meio de justaposição, um novo produto, passando informações fragmentadas, compactadas e rápidas, o que exige pouco esforço e envolvimento do receptor para sua compreensão.

Nessa nova sociedade, a televisão, criou sua própria linguagem e maneiras particulares de se comunicar com o homem por meio de suas capacidades perceptivas, emocionais, cognitivas e comunicativas, seduzindo as pessoas, falando primeiramente às emoções, mexendo com suas fantasias e desejos através da articulação de diversas formas de linguagem, como imagens, falas, sons, escritas, tudo reunido em um só texto que é capaz de hipnotizar os telespectadores pela sua forma dinâmica de ser apresentada.

A geração a que estamos expostos é apaixonada pela linguagem das novas tecnologias e sente-se muito melhor digitando no computador do que escrevendo numa folha de papel. Isto se dá, principalmente, pela possibilidade de juntar imagens do passado com imagens atuais, imagens reais com não reais, produzindo o que é chamado de hiper-realismo, que Távola (1999, p. 46) conceitua como sendo mais verdadeiro que o real ou a mentira da verdade.

Ao mesmo tempo que faz a realidade aparecer mais próxima do espectador, aumentada por lentes, aproximações e destaques, o hiper-realismo amplia a estranheza e insere um elemento provocador de reações, sem se afastar do real, mas tornando-o maior do que é. Simulando mesmo ser ele a expressão da realidade total e construindo uma linguagem na qual o recurso da ênfase se transforma no

próprio discurso. Distorce o real sem se afastar dele. Daí seu caráter diabólico e de difícil percepção. (TÁVOLA,1999,p. 46).

Dessa forma, as pessoas, mesmo que de forma inconsciente, perdem a noção de discernimento do real e não real. O termo diabólico utilizado pelo autor, certamente faz referência ao fato de que diante da televisão, os sujeitos são levados a um estado de inércia e conformismo, aceitando, quase sempre de forma natural e irreflexiva, a mensagem transmitida, tornando-se assim, não mais sujeito da comunicação, mas seu produto: novamente um ser humano alienado.

Não podemos cair na ingenuidade de admitir que essa posição seja apenas fruto do emissor, no caso a televisão, já que esta também deve ser considerada como um grande instrumento socializador, transmissor de aspectos culturais quase que universal. Devemos analisar o sistema capitalista, em que os trabalhadores são explorados por um sistema de produção industrial fragmentado, sendo que estes, na maioria das vezes, não encontram sentido nem mesmo em seu trabalho, pelo que produzem; são alienados também no trabalho.

O capital transformou o trabalho em força de trabalho, eliminou as habilidades humanas, descartou-as do trabalhador mesmo. A habilidade do trabalhador foi transformada em hábito, é a via da maquinaria. São as máquinas que fazem o trabalho que poderia exigir alguma habilidade. Ora, o que são as máquinas senão trabalho acumulado? Inteligência humana sintetizada em metal, experiência de vários operários, de vários lugares do mundo, sintetizadas ali. [...] Por paradoxal que pareça, é a inteligência acumulada de cada trabalhador que promove a burrice do trabalhador. (CODD, 1991, p. 38).

Em todas as instâncias em que o capital mantém relações entre mercadorias, a alienação se manifesta. O sujeito se manifesta alienado especialmente quando não se reconhece no que produz, quando o produto é separado do produtor, ele se separa de si mesmo, do próximo e da própria história. E se o processo de alienação inicia-se no trabalho, este prolonga-se nos lares, através da mídia, que lança mão de todos os seus recursos para que assim o indivíduo permaneça e, no outro dia, esteja disposto mais uma vez a realizar sua tarefa, a etapa que lhe pertence no processo industrial capitalista, agindo e entendendo isto como natural.

E, por isso, o poder de conquista da TV é tão poderoso: essas pessoas, ao assistirem os programas disponíveis, têm a capacidade de sonhar e fantasiar, sendo assim quase que irresistível sentar-se no sofá e ver TV depois de um longo e exaustivo dia de trabalho repetitivo e massante. Os cidadãos, não tão cidadãos assim, podem ver, na tela, o que gostariam que acontecesse com eles, em suas vidas, projetando-se em personagens televisivos.

A televisão torna-se, assim, um poderoso veículo ideológico, um conjunto de crenças, valores e atitudes que formam ideias, a partir de sensações e de acordo com um determinado momento histórico, nas quais

até os discursos, aparentemente mais ingênuos e neutros, podem trazer subliminarmente mensagens contributivas para a formação de estereótipos, imagens e conformismos sociais sendo, muitas vezes, utilizado para manutenção do *status quo*, já que uma pessoa alienada não é efetivamente capaz de rebelar-se contra o sistema ou mesmo contra sua própria condição de mero espectador.

A programação é feita para gerar reações emocionais e não racionais sobre a realidade, o que induz as pessoas a aderirem a certas crenças concernentes ao destino humano, gerando, no telespectador, a falsa ideia de que ele é cidadão atuante e sua atual condição cultural e socioeconômica é natural e fado da vida. Na maioria das vezes, situações como estas, que estabelecem concepções sobre o lugar de cada um na sociedade, são passadas de forma tão irreal que ninguém consegue se identificar nelas, causando apenas um sentimento de que existem outras pessoas com as quais estas coisas acontecem, não com ele próprio.

A força transfiguradora do hiper-realismo muitas vezes disfarça o propósito dos sistemas ou dos comunicadores de impressionar, não para informar ou relatar, mas para influenciar. Ou para dominar. É a informação como poder. Na grande maioria dos casos, com a aparência de informação objetiva, o hiper-realismo conduz o público às convicções desejadas pelo emissor, através da maneira pela qual apresenta os fatos – principalmente na edição de televisão. (TÁVOLA, 1999, p. 48).

Sob este enfoque, na linguagem midiática, na qual notícias são apresentadas como espetáculos, elementos passam a se confundir e, muitas vezes em um telejornal, uma notícia de violência pode virar um show, confundindo o público sobre o que realmente é repúdio à violência, tornando-a banalizada. Assim acontece com outros conceitos como conscientização e lazer, acomodação e participação. A comunicação passa a ser, então, um processo em que se formam padrões e normas culturais e comportamentais.

Mesmo assim, não basta apenas julgar e acusar a televisão de ser a culpada por todos os males sociais, culturais e comportamentais da sociedade atual. Não está correto apenas afirmar que a TV aliena e emburrece, que promove a violência e o consumismo. É preciso analisá-la como um complexo que segue, sim, a lógica capitalista do entretenimento, patrocinadores e comércio, mas sem negar sua influência, já que assistir televisão é uma das atividades mais corriqueiras, de crianças e adolescentes de todos os níveis sociais.

O uso da televisão não exige habilidades complexas para operá-la e, dessa forma, desvela para crianças e jovens, um mundo que antes era de domínio apenas dos adultos. Não há mais como retirá-la dos lares dos brasileiros. Ela veio para ficar e a tendência é apenas aperfeiçoar-se. Ela também ensina. Atualmente as crianças não chegam mais à escola tendo apenas como bagagem o que conseguiram assimilar em casa, no âmbito

familiar, mas com muitas leituras e interpretações de mundo feitas através da mídia, da televisão.

Também não podemos analisar a mídia televisiva focando apenas no emissor, como se todas as pessoas que assistem a ela fossem simplesmente receptores passivos, ou negar-lhes a concepção de que têm condições para desenvolver habilidades reais e efetivas para interpretar, selecionar e refletir sobre o que assistem. É necessário compreender também que cada pessoa assimila, qualquer informação que chega até ela, de forma diferente, dependente do preparo que tem, de sua cultura individual, construída historicamente através das relações que ela estabelece com o mundo, da formação e estrutura cognitiva que possui.

### **3. Recursos tecnológicos e educação**

A escola que precisamos deve hoje precisa ser democrática, que compreenda as interferências e os interesses da sociedade, propiciando aos educandos conhecê-los para que possam interferir nessas ações. Nessa escola, os professores são organizados, as ideias opostas podem aparecer, os alunos, pais e a comunidade participam, compreendendo e permitindo o conflito para que seja solucionado sem estabelecer oposição entre chefia e liderança. Nessa escola, existem debates, discussões, todos podem apresentar suas ideias para se chegar às soluções.

Essa escola deve promover a cultura, socializando o saber, para que todos tenham acesso aos bens culturais. A produção da cultura acontece num trabalho coletivo, sendo assim, todos participamos deste processo, por ser histórico. É função da escola, então, repassar, organizar e viabilizar a todos da sociedade, o acesso a esta produção.

É exigência dessa escola contemporaneidade histórica, estando aberta à realidade social para a futura inserção dos alunos nela, e, para isso, é necessário que os educandos compreendam a realidade para escolher de que forma querem atuar nela. A escola é mediação entre realidade empírica e conhecimento.

Outra característica fundamental dessa escola é a de que esteja comprometida politicamente para preparar o educando para o exercício da cidadania, compreendendo direitos e deveres.

A televisão, por ser hoje o meio de comunicação predominante em nosso cotidiano, também em forma de cultura, já que amplia a visão de mundo das pessoas, modificando linguagens e propondo novos padrões éticos e meios de apreensão da realidade, especialmente por ter esse caráter sedutor e formador de opiniões, exige do processo educativo mais atenção, discutindo e buscando compreender seu papel nos processos de ensino aprendizagem. É inegável o potencial da indústria cultural em promover cultura e educação popular.

Por isso, é preciso que a prática educativa da escola também discuta essas questões e realize trabalhos que possibilitem o desenvolvimento de habilidades nos estudantes, otimizando o processo de recepção das informações veiculadas.

Também é preciso que as novas tecnologias de comunicação ofereçam novas formas de aprendizagem bem diferentes do processo linear e sistemático das aprendizagens em que predominam os aspectos supostamente racionais, desenvolvidos nas formas regulares de ensino. Então, sem esperar uma mudança drástica da sociedade nesse sentido, o que resta é buscar responder como preparar pessoas para entrarem em contato com a indústria cultural extraíndo dela o que há de melhor. Neste cenário, educadores podem ignorar estas inovações, acarretando nos homens de amanhã, a mesma passividade de recepção das mensagens culturais veiculadas e sua conseqüente desculturalização.

A possibilidade de manipulação de todos os tipos de linguagem tem provocado a intensificação de um movimento orientado para a capacitação do público em geral na 'leitura crítica' das mensagens. Esta habilidade consiste em identificar o grau de denotação-conotação nas mensagens, unida ao desenvolvimento de uma atitude de desconfiança sobre as intenções e os conteúdos ideológicos inseridos no texto. (BORDENAVE, 1982, p. 91).

A escola assume, dessa forma, um caráter formativo de pensamento e interpretação com criticidade, contrapondo-se à linguagem midiática e buscando preparar os educandos para serem seletivos e criativos através de uma análise crítica do que veem e ouvem.

Os alunos apreendem, através da mídia, informações de forma muito mais eficaz, já que as palavras são mostradas com imagens, o que lhes denota mais força. Ao chegar à escola, as crianças já trazem muitas experiências adquiridas em seu ambiente familiar e, durante o período escolar, a mídia, a televisão, mostra o mundo de forma mais agradável, compacta, educando, ao mesmo tempo que entretém. Esse talvez seja o principal fator que leva as crianças e os adolescentes a ficarem fascinados pela televisão ou computador e seus recursos gráficos e visuais e não se sentirem atraídos pela escola. A educação formal, dada pelo ambiente escolar, educa de forma sistemática, repassando ou propiciando a aquisição de conteúdos científicos e sistematizados de forma muito formal, estática e não atraente. Os alunos aprendem, mas não têm entretenimento aliado a esse aprendizado.

A nova realidade impõem-se grandes desafios aos educadores, já que no futuro, não muito distante, as máquinas serão responsáveis por realizar as tarefas mais rotineiras e pragmáticas e aos homens serão delegadas tarefas que exijam intelecto e criatividade. A tecnologia, quando usada por indivíduos com interesses particulares e de forma inescrupulosa pode fazer do homem, uma vítima de seu próprio produto, já que toda tecnologia é criação humana.

Assim, educadores também precisam dominar as tecnologias, até mesmo para entenderem melhor como funcionam e discutirem com seus alunos, dispondo de tempo e de boa vontade para preparar boas aulas, destacando da mídia conteúdos passíveis de abordagens em sala de aula, visando preparar homens para o futuro, capazes de abrir caminhos nesses novos ambientes que se instalam, que sejam rápidos para adequar-se aos relacionamentos instaurados na nova sociedade. Professores devem, então, não apenas mostrar aos alunos vídeos e imagens gráficas e audiovisuais considerando-as auto-explicáveis, mas promover a discussão sobre as mesmas, favorecendo a reflexão sobre o tema.

#### **4. Coleta e análise de dados: mídia, televisão e a docência**

A educação além de ser processo de apropriação da cultura produzida, é fator que possibilita a ruptura com o velho e o desenvolvimento do novo. Deve ser concebida não apenas como meio de aquisição de conhecimentos, mas também como fator de possibilidade de desenvolvimento do caráter e da personalidade, provendo o homem de autonomia para agir e compreender a realidade. Ao considerarmos esse conceito de educação, assumimos o conceito de aprendizagem: aprender é mudança de comportamento; ao aprender, o sujeito assume uma nova conduta, transforma uma nova informação em conhecimento, hábito ou atitude. Possibilitar ao educando essa formação é o objetivo do educador e, para alcançá-lo, é preciso recorrer a diferentes técnicas didáticas.

Muitas vezes o professor tem uma determinada conduta em sala de aula, que desenvolveu por experiência, mas que tem uma fundamentação teórica, uma explicação até científica que ele desconhece, apenas utiliza para realizar melhor seu trabalho. Mas é necessário ao professor rigorosidade metódica, ética; que este assuma sua posição, decida de que forma deseja realizar seu trabalho e conduzir seus educandos ao conhecimento e que busque fundamentar suas técnicas, sistematizando-as.

Já é sabido que, para que a comunicação aconteça, é necessário que a mensagem seja percebida pelo receptor. É precisamente nesta etapa do processo comunicativo que a educação e os professores podem agir de forma a preparar seus educandos e futuros cidadãos para receberem e apreenderem de modo correto, reflexivo e crítico, as mensagens a que estão expostos diariamente, em todos os lugares, divulgadas pelos meios de comunicação e recursos tecnológicos a que têm acesso.

Ao analisar a posição dos educadores frente a esse desafio, posição conhecida via suas respostas ao questionário, percebe-se que nenhum professor está satisfeito com a quantidade de seu tempo de folga, de lazer, já que este é geralmente aproveitado também para melhor elaboração de seu trabalho docente. Todos a veem como uma perfeita opção de lazer e relaxamento ao fim de um dia de trabalho, e quando não podem sentar e assistir aos programas, a

deixam ligada para que possam ouvir. Nos fins de semana, passam mais tempo vendo TV e concordam que novelas, por exemplo, não são muito instrutivas, mas servem como descontração e entretenimento. O tempo dedicado à leitura é pequeno, em média uma hora por dia, e quando ultrapassa, geralmente são leituras para a melhor elaboração de suas aulas.

Com relação às fontes utilizadas como pesquisa para preparação de suas aulas, os professores, é claro, não dispensam leitura, livros, mas também acrescentam internet, revistas e até mesmo alguma informação veiculada pela televisão que julgam interessante.

Outra opinião relevante é a da professora mais jovem da minha pesquisa, que diz: “Com certeza o mundo mudou, é claro que os alunos e as pessoas em geral também mudaram. Eles têm uma visão de mundo diferente, são mais críticos e como não existe mais palmatória, não existe mais aluno imóvel. Acho que cada vez mais as mudanças serão maiores e nós temos que nos adaptar, tentando cumprir nossa função, trazendo o carinho que o nosso aluno não tem em casa, para a sala de aula.” A professora que proferiu esta opinião realmente está muito bem intencionada, mas deixa margem para que concordemos que a função do professor é a de dar carinho aos alunos que não o têm em casa.

Essa certamente também é uma das funções do professor hoje em dia, considerando a sociedade brasileira tão estraçalhada, perdendo valores importantes sempre como a família e a comunhão, o amor e o diálogo. Mas seria muito simples restringir a função do educador à essa atitude assistencialista e paternalista. Vale lembrar que o professor é muito mais que isso, que é insubstituível como se sabe, nenhuma máquina será capaz de tomar seu lugar. A função do professor é muito mais ampla, é a de oportunizar aos alunos acesso a conhecimentos formais e sistematizados e promover neles autonomia para agirem no mundo.

Os professores admitem utilizar bastante a internet na preparação de suas aulas e para requisitar pesquisa por parte dos alunos, mas utilizada para trabalhar com eles, em sala de aula, não foi citado em nenhum momento.

A TV e o vídeo são, segundo eles, utilizados eventualmente para passar algum filme relacionado ao conteúdo que estão trabalhando. A maioria concorda que não aprendem muito com a TV e que suas discussões com os alunos a respeito da programação estão sempre relacionadas à sua disciplina ou conteúdos em questão. Os professores não falaram sobre a utilização dos meios de comunicação, da TV, como uma possibilidade de deixar o ensino menos entediante, amenizando jornadas de aulas expositivas que, a certo momento, tornam-se insuportáveis, mas sabe-se que esta é uma técnica muito utilizada pelas escolas.

“O papel do educador seria o de orientar, se pudéssemos, mas não temos esse tempo disponível.” É lamentável ler uma declaração como esta, na qual o professor assume seu papel e a necessidade de desempenhá-lo,

mas logo em seguida refugia-se em uma, dentre tantas desculpas utilizadas para manter-se omissos diante da situação. É a lei do menor esforço. Analisando estes fragmentos de opiniões, é possível perceber que talvez o educador até tenha noção do seu papel, do papel da escola e do processo de ensino aprendizagem, mas ainda sim, parece que resiste, apresentando o mesmo conformismo contra o qual deveria estar lutando e preparando seus alunos para lutar.

Educadores ainda têm uma imagem apenas negativa da televisão, desconsiderando seu potencial educacional quando bem empregada. Estão também, como a grande maioria da população, inertes e acomodados frente ao assunto, preferindo manter esta interrogação, este questionamento enterrado no fundo de suas mentes, ou aflorando em discursos bem feitos, sem aplicá-los na prática, o que seria o ideal, por considerarem tal tarefa cansativa e que demandaria muito esforço para ser realizada.

Com relação à qualificação dos professores para trabalharem com novas tecnologias, é justo avaliar como se dá o processo de formação inicial destes. O ingresso num curso de graduação superior, hoje em dia, é relativamente fácil, já que é grande a oferta de cursos de licenciatura e sua conclusão não demanda grandes esforços. Talvez esse seja o principal motivo do enorme número de professores formados a cada ano.

Muitas vezes, o curso de licenciatura não é a primeira opção das pessoas na hora de escolherem sua profissão, mas torna-se uma excelente alternativa pela facilidade de ingresso e conclusão, além da certeza de emprego.

Mas, nem todos são assim e, apesar de entrarem na profissão por acaso, por situações circunstanciais, a grande maioria, quando formado e já atuando, descobre a grandeza de sua função, a riqueza de sua atuação e acaba se apaixonando pelo seu trabalho, exercendo-o da melhor forma possível. Isso os torna profissionais brilhantes, que percebem a necessidade de estudo, empenho e formação constante para alcançar êxito em sua tarefa. Estes são os profissionais que vão se empenhar em atualização para as novas tecnologias e seus possíveis usos na prática educativa.

Acreditando nisso, educadores realmente comprometidos pairam sempre um olhar crítico sobre suas aulas e sobre a sociedade moderna, avaliam os resultados e estão sempre, de uma forma ou de outra, envolvidos em projetos na escola, ou fora dela, visando melhorar a cada dia, buscando fundamentação prática e teórica para suas atividades e experiências em sala de aula, muitas vezes envolvendo recursos tecnológicos modernos.

A prática e profissionalização do professor se dão por erros e acertos, e, portanto é mister um educador capaz de visualizar de forma crítica sua prática, para que seja capaz de aprimorar acertos e remediar, reconstruir erros. Para tal, é preciso que se tenha claro que a prática se fundamenta na teoria, no caso da educação na psicologia, na filosofia, didática, sociologia, política

e etc, obrigando, então, o professor a estar a par dessa contextualização para estar apto a reconstruir conhecimento, experiências e fazer história.

Para o efetivo funcionamento da escola que queremos, é preciso um educador comprometido. Comprometido politicamente com a sua profissão, sendo educados em todos os momentos de sua vida, compreendendo a importância social do seu trabalho, a dimensão transformadora de sua prática, a importância de sua tarefa. Ensinar é um ato de amor e, portanto, deve se renovar a cada dia.

## **5. Considerações finais**

Ninguém mais está imune às inovações tecnológicas do novo mundo, nascido da revolução da informática. Mesmo os considerados excluídos, em função de sua posição socioeconômica, não podem dizer-se intocados por essa revolução, pois o meio tecnológico mais popular de transmissão de cultura de massa, a televisão, está, se não em todas as casas, em todas as localidades, e a grande maioria da população mundial e brasileira tem acesso, ou contato direto com esse veículo de informação. É uma realidade. Estas tecnologias e mídias, a televisão, estão em nossas vidas e vieram para ficar.

A mídia e seu poder de persuasão, através do uso de uma linguagem própria, que alia quase que todos os recursos da comunicação: palavra, som, imagem, etc, domando os sentidos das pessoas a quem chegam, produzem, de maneira geral, uma sociedade inerte, desatenta, conformada, alienada, apenas cumprindo seu papel na manutenção do *status quo* de uma sociedade capitalista, baseada no comércio, na venda de mercadorias, utilizando-se dos indivíduos, especialmente dos que a servem com sua mão de obra barata e funcional, para representar papéis na sociedade, assegurando aos donos do poder sua estadia permanente tendo, para isso, o apoio, não de cidadãos ou até mesmo sujeitos, mas de legítimas marionetes do sistema. É dessa forma, que infelizmente vê-se o uso da mídia na sociedade.

A mídia, estando assim, sendo sob este ponto de vista, tão hostilizada, exige da prática educativa uma nova postura, ou ao menos uma postura. É preciso que a escola e seus sujeitos a considerem, primeiramente. É inadmissível, em tempos atuais, a escola ficar tão à margem do mundo e de sua realidade, criando em seu ambiente uma realidade própria, desconectada da do real.

Por mais que o professor se esforce na exposição de sua matéria, nunca conseguirá superar os meios de informação a que os alunos têm acesso fora dali. Justamente sobre essa problemática é que deve ser feita a reflexão por parte dos professores no sentido de que os recursos tecnológicos, a mídia e a linguagem áudio-visual são valiosas ferramentas para o processo ensino-aprendizagem, mas estão ainda intactas, e é preciso que sejam, o mais rápido possível absorvidas pela escola e educadores para o aprimoramento de sua prática.

Enfim, não é possível reverenciar, nem julgar de maneira totalmente negativa a mídia e a televisão. Estas são partes do processo de comunicação, os emissores. O que deve ser melhor trabalhado é a recepção. Infelizmente as pessoas não têm habilidades cognitivas e reflexivas desenvolvidas o suficiente para receberem e assimilarem corretamente as informações, e talvez os adultos do futuro, que são hoje os alunos que temos na escola, também não as terão se não for feita alguma coisa para prepará-los. Afinal, contato com a tecnologia eles têm e terão cada vez mais, basta questionarmos como estas serão apreendidas por eles.

O problema maior está no fato de que ninguém pode ensinar, ou mediar o que nem ele próprio sabe. E muitos de nossos professores não estão preparados para realizar tal tarefa, estão apenas assistindo a história acontecer, e participando dela de maneira passiva. Portanto, antes de preparar os alunos para o mundo tecnológico, vê-se a necessidade de se preparar seus professores.

## **6. Referências**

BORDENAVE, J. E. D. *O que é comunicação*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BRITO, G. S. *Inovações metodológicas e instrumentais para o ensino de línguas e artes*. Curitiba: IBPEX, 2003.

CODO, W. *O que é alienação*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

COELHO, T. *O que é indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

FIORENTINI, L. M. R.; CARNEIRO, V. L. Q. *TV na escola e os desafios de hoje: curso de extensão para professores do ensino fundamental e médio da rede pública*. Brasília. 2. ed. Universidade de Brasília. 2002. 3v.

TÁVOLA, A. A. Cultura do hiper-real. In: \_\_\_\_\_ *Mediatamente! televisão, cultura e educação*. Brasília: MEC, 1999.